

RP
6
15



COIMBRA — VII — 1913
* * PROPRIETARIO E EDITOR * *
Francisco Fernandes Costa Mourão
Preço — 20 réis
Composta e impressa na IMPRENSA ACADEMICA de
COIMBRA, de Araujo Pinto & Teixeira d'Alreu.

COIMBRA DOS POETAS

NUMERO UNICO

COIMBRA DOS POETAS

H dos poetas, e só deles; porque só eles sabem ouvir, só eles sabem compreender a sua voz misteriosa.

Quando os poetas gregos queriam ouvir a voz dos deuses, que adivinhavam no murmúrio que passava misterioso e indistinto sobre a terra tão amada, iam pendurar a harpa no ramo mais baixo do loureiro que perto lhe guardava a casa, a envolvia em frescura e a alegrava com o canto enternecido das aves a amar.

Ficava então o poeta imóvel, o corpo inclinado para diante, o olhar perdido no céu azul, o ouvido á escuta, e, mal começava a soar a harpa sólia, erguia a cabeça, abriam-se-lhe devagar os lábios, como se quizessem repetir o hino sagrado em que julgava ouvir, amortecida e em segredo, a voz dos deuses.

Aquela voz fazia calar á volta a natureza inteira.

E, quando o poeta começava a dizer os versos que julgava ouvir, o canto da harpa eólia baixava até emudecer.

Calava-se a voz dos deuses e ouvia-se, no canto do poeta, a voz da natureza inteira.

Parêce que nos choupos desta linda terra deixou pendurada e esquecida, a sua lira de ouro o primeiro poeta enamorado que procurou adivinhar na voz dos deuses o segredo do seu encanto, e que desde então se ouve sobre esta terra abençoada voar o mesmo canto.

E não ha poeta que não páre a ouvi-lo e não procure imita-lo.....

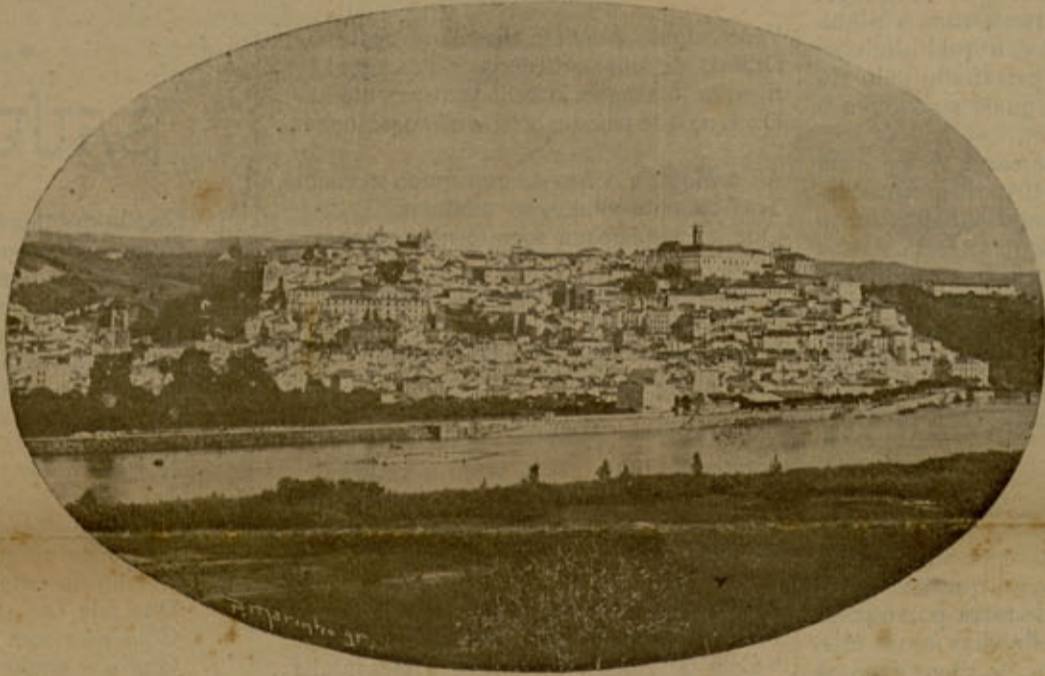
Assim parou Camões, nesta florida terra, leda e fresca, e, a ouvir aquéla voz, começou a cantar também as serenias aguas do Mondego descendo sem parar até ao mar distante.

Aqui cantou o seu primeiro amor, a esperança que o enganou de um dia em outro dia, nos saudosos campos do Mondego.

E sempre os poetas julgaram ouvir a mesma voz, no murmúrio do vento que agita as folhitas dos chopos, como chamas

verdes subindo direitas d'um altar, num vóto grato a Deus.

Castilho aqui reuniu, nas festas da Primavera, todos os poetas do seu tempo, e dos poetas se ficou chamando a lapá donde eles iam admirar de longe a cidade encantada, ás escondidas como os namorados.



VISTA GERAL DE COIMBRA

Tudo, nesta abençoada terra, tem a mesma voz de poesia e d'amor, desde a flôr mais pequenina á estrela mais alta.

Tudo diz versos desde a flor que se abre até á ruina que desaparece.

Nada é morto aqui; se alguma coisa se cala, é porque adormeceu.

As ruínas dos velhos monumentos dormitam apenas. Não ha poeta que se debruce sobre elas e as não ouça sonhar e dizer lindas historias do passado.

Os monumentos antigos de Coimbra não parêce enterrar-se, desaparecer na areia.

Não ha poeta que, ao ve-los dourados pelo primeiro sol com os beijos que ele só tem para as flores, não imagine que os velhos monumentos acabam de sahir da terra, nascem, e vam erguer-se numa floração estranha.

Não ha verso esquecido que aqui se não ouça, sonho morto que aqui não viva.

E n'esta paisagem doce e harmoniosa, passa em adoração, como uma imagem santa d'Amôr, uma mulher que parece a encarnação d'um verso de poeta.

Não é a mulher de Coimbra, tão cantada pelos poetas, como as outras.

Reconhêce-se em qualquer parte.

E não tem todavia um tipo unico, uma particularidade de trajar que a distinga, um acento especial, locuções proprias que denunciem quando se ouve, nas canções de doce melancolia, lentas como o arrastar do Mondego para o mar, a sua voz tão fresca feita só para cantar.

Algumas lembram flores estranhas, as cabeças modeladas numa curva larga pelos cabelos negros e ondulados, os olhos pretos, brilhantes, moveis como pistilos, em que tremessem ao vento duas gotas de orvalho, aquecidas e douradas pelo sol.

O pescocinho fraco parece a custo segurá-las.

Teem a elegancia dos crisantemos.

Outras, com os cabelos loiros de prata desdourada, a carne muito branca, lábios em que parêce ver fugir-se o sangue, lembram as antigas imagens de N. Senhora que da India traziam a Portugal os antigos marinheiros, palidas, de marfim, os cabelos dourados, um leve traço vermelho nos lábios, em que afluava a aurora d'um sorriso.

Tam magninhas... Não ha abraço pequenino que possam encher...

Andam serenamente, o challe repuxado para os hombros fracos numa caricia, como as azas d'um passarito com frio.

Na attitude das mulheres de Coimbra passa toda a graça com que as flores brincam com o vento.

Na sua voz em que parêce ouvir-se o riso dos beijos a nascer, aprendeu o rouxinal o encanto e o segredo do seu cantar molhado.

Não ha cantar que aqui não mude e se ponha logo ao geito da terra.

E, mesmo quando a trova não diz nada, o canto fala de amôr e de saudade.

Coimbra é terra de poetas. Viverá sempre a mesma vida encantada, ouvir-se-ha sempre a sua voz. Não-de ouvir-se sempre os versos de Camões...

Coimbra, 22-VI-1913.
T. C.

ASPECTO DE COIMBRA

Cada povo tem a cidade da sua poesia, da sua imaginação, dos seus amores; cada povo aponta para uma terra, que a tradição vestiu de galas, e diz — lá, lá! oh! que não ha nada mais bello!
O português aponta para Coimbra.

JOÃO DE LEMOS.

Coimbra, a Atênas Lusitana, afamada por sua encantadora situação, remota antiguidade, preciosos monumentos e belos edificios, a pátria de tantos varões illustres, e tambem a cidade classica de Portugal, é, por assim dizer, o livro da sua história, onde sobresaem, gravados em brilhantes traços, factos notaveis, que despertam no viajante respeito e simpatia.

O aspecto de Coimbra, desta *mais formosa filha de Portugal*, surpreende a todos, confundindo-lhes profunda e suavissima comoção. Corôa o cume e reclinase graciosa pela encosta de uma colina, cujas faldas são banhadas pelo Mondego. Forma um elegante trono, com a pinha cerrada de seus edificios, a qual ainda se estende alem do vale, estreitado pelo rio e pelo Montarroio até quasi roçar com o extenso campo.

Por toda a parte as casas se matisam de frondoso arvoredos; aqui optimos laranjais, que na primavera embalsamam o ambiente de delicioso aroma; acolá vastos olivedos; á beira do rio os choupos e cinzeiros. É um berço de verdura viçosa onde se acalentam as musas que inspiraram sempre os nossos primeiros poetas, desde Camões e Ferreira, Garrett e Castilho, até João de Lemos, João de Deus e João Penha.

* *

Dizia Teixeira de Vasconcelos, e com muita proficiencia, que não viu na Europa, cidade, rio e campo, que fizesse esquecer aquele pedaço de terra portuguesa que o Mondego banha de suas águas cristalinas, desde a quinta da Boa Vista, á qual fica fronteira na margem oposta á quinta das Canas com a sua Lapa dos Poetas, até á Memória, onde o rio, voltando-se, como para se despedir de Coimbra, muda de rumo para o occidente.

Nos montes e oiteiros visinhos a côr melancólica dos olivais alterna com a verdura e viço dos pampanos. Dos vales sobe o perfume da flôr da laranjeira, que a brisa espalha presurosa, escoando-se ora por entre os olivedos da serra, ora por entre os alamos, choupos e salgueiros, que bordam as duas margens da corrente.

«Em Coimbra, e nas suas cercanias, esmerou-se a natureza no esplendôr das galas e tomou os melhores enfeites para disputar belesa ás mais formosas.

Tudo respira amor na terra fadada por Deus, a que os homens pozeram por limites de um lado a *Fonte dos Amores* e do outro o *Penedo da Saudade*, como se destes dois sentimentos — *Amor* e *Saudade* — tivera de permanecer cativo quem viesse a passar ali».

* *

Coimbra, quem uma vez a viu não a esquece, quem nela vive não a troca por outra, que nela encontra todos os seus affectos quando presente, todas as suas saudades quando ausente.

Não ha talvez cidade nenhuma do país tão cantada pela lira dos poetas. Os seus formosissimos arredores seduzem a imaginação e constituem o encanto de quem os contempla. Ha uma policromia de ma-

tis e de tom, embriagadora como uma sinfonia de Wagner no Penedo da Saudade, no da Meditação, etc. Santo António dos Olivais, delicado como uma miniatura de Wateau; o Choupal, onde o Mondego se espreguiça, molemente, muito manso, merece bem a consagração dos poetas.

Coimbra, 14 de Julho de 1913.

* * *

◆ ◆ ◆

Quinta das Lagrimas: Fonte dos Amores

I

Lagrimas e Amores... Olha a graça
Destes dois nomes gémeos, abraçados!...
— Tu és fonte de Amor, ó minha raça,
— Trazes teus olhos sempre marejados...

Vêde a fonte a cantar, dizendo á gente
Dramas de amor e historias de creança!
E, sobre o sangue, o beijo transparente
Da agua que passa e beija e não descança...

Ali a Morte e o Amor, num mudo assombro,
Tragicamente mudos, os sentimos
Que se contemplam sobre o nosso ombro.

E junto á Fonte, no silencio, quando
Passa a brisa nas arvores, — ouvimos
Lábios gelados que se estão beijando...

II

Sangue de Inês... A santa ingenuidade
De quem a vive a sonhar por muito amar!
— Portugal é uma fonte de saúdade
— Toda saúdosa e triste a recordar...

Sangue de Inês que, morta, foi rainha
Posta no altar do amor dos amerosos,
“Colo de garça,, e “misera e mesquinha,,
Como, cantando, Portugal lhe chama...

Cédros velhos que os vistes, — cédros velhos
Que tanta vez os vistes de joelhos
Extasiados, trémulos de amor!...

Ha palságens que são almas resando...
... E aqui vagueiam almas, recordando,
Encantadas e tristes ao redor...

AUGUSTO CASIMIRO.

◆ ◆ ◆

À beira do Mondego

Do azul na grande abobada espelhada
Campeia a lua e os astros scintilantes;
Os pés nas frescas aguas murmurantes,
Dorme Coimbra triste e socegada.

Ha pouco ainda a branda serenada
Nos bandolins chorava palpitantes;
Tudo é silencio agora, e dos amantes
Não se movem as sombras na calçada.

O cais repousa: a riba é solitaria;
Da ponte nos esguios candieiros
A luz vacila crepitando varia.

Nas curvas lanchas dormem os barqueiros.
O poeta no emtanto, o eterno pária,
Escuta a voz de Inez entre os salgueiros.

GONÇALVES CRESPO.

Versos

Escritos num exemplar das FLORES DO MAL

As flôres que a nossa alma descuidada
Colhe na mocidade com mão casta,
São belas sim: basta aspiral-as basta
Uma vez, fica a gente enfeitada.

Nascem num prado ou riba socegada,
Sob um ceu puro e luz serena e vasta;
Teem fragancia subtil, mas nunca exausta,
Fallam d'Amôr e Bem á alma enlevada...

Mas as flôres nascidas sob o asfalto
Dessas ruas, no pó e entre o bulicio,
Sem ar, sem luz, sem um sorrir do alto,

Que tem elas, que assim nos endoidecem?
Tem o que mais as almas apetezem...
Tem o aroma irritante e acre do vicio!

ANTHERO DE QUENTAL.

◆ ◆ ◆

SAUDADES

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar,
Quando as estrellas scintillam
Nas ondas quietas do mar;
Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa
Como a donzella vaidosa
Nas aguas se vae mirar!

N'essas horas de silencio,
De tristezas e d'amor,
Eu gosto d'ouvir ao longe,
Cheio de magua e de dôr
O sino do campanario,
Que fala tão solitário
Com esse som mortuario
Que nos enche de pavor.

Então — proscrito e sósinho —
Eu solto aos echos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dôres;
— Saudades, dos meus amores,
— Saudades, da minha terra!

CASIMIRO D'ABREU.

◆ ◆ ◆

À uma creança que não teve premio

Choras, bem sei, por não te acharem bela;
E' sempre belo quem é moço e triste.
Quem sabe, filha, se a beleza é aquella...
Quem sabe, mesmo, se a beleza existe!

Has de ser linda. Tens só anno e meio;
Quinze annos mais, e tu serás, amor...
Ah! quantas vezes do botão mais feio
Nasce a mais linda flôr!

E a beleza o que vale? É uma incerteza,
Um sonho que nos prende e nos ilude,
A verdadeira, a unica beleza,
E' a virtude.

O resto é poeira que com o tempo foge,
Nuvem doirada, passageira e vã...
Deus queira, filha que a beleza de hoje
Seja virtude amanhã!

JULIO DANTAS

QUADRO DE SANGUE

A Eduardo Coimbra

I

Na tragica mudez das noites silenciosas
O bandido feroz, como a aguia esfomeada,
Sentava-se a beber nos atalhos da estrada,
E calcava a sorrir as pétalas das rosas!

Era ainda mais vil, que as lepras sensuaes
Que formigam n'um corpo infecto e apodrecido:
— Tinha no coração indomito vertido
O veneno subtil dos hórridos chacaes.

O seu destino fôra escripto á luz sangrenta
Do vinho repellente e mau das rubras tascas,
Onde ao ferino uivar das céleres borrascas
A sordida ralé os filhos acalenta.

Como a faminta hyena, uivando na caverna,
Elle vivia a sós nos beccos solitarios...
— Tinha a hidiondez rebelde dos sicarios
Que nascem no bordel e morrem na taverna!

II

N'uma noite d'Abril, serena e constellada,
Errava uma creança á beira dos caminhos.
Tendo no rosto suave a frescura dos linhos
E n'olhar o fulgor d'abobada estrellada!

O bandido-chacal, n'um berro entusiastico,
Ao vê-la apparecer, rojou-se ao pó de rastros,
— Fazendo emmurchecer a limpidez dos astros!
— Fazendo ennodar o bello Azul phantastico!

A pallida creança, erguendo trémolante
Os hirtos braços nús, como pedindo guia,
No momento fatal em que elle apparecia,
Como louca soltou um grito lancinante.

E o carniceiro audaz, depois que maculou
A innocente, calcada aos pés, quasi exangue,
Arrancando o punhal — querendo beber sangue
D'um seio virginal — no peito lh'o cravou...

Era a estatua da Dôr — serena e angelical —
Como a mulher sem Fé, abraçada a um punhal...

Mas, subito, o bandido energico e vibrante,
Contemplando-lhe a loira e desprendida trança,
— Vil! — empallideceu — como sem esperanza
A mãe que vê morrer o filho, soluçante!

E, tirando do seio, immundo e repellente,
— Como o sordido verme — uma boceta escura,
Elle viu, — elle viu a imagem casta e pura
D'alguem que outr'ora amara, allucinadamente!

Como a creança morta assim tinha os cabellos:
Na face a mesma côr, n'olhar a mesma luz:
— Branca como o luar — dôce como Jesus,
Sorrindo nos paineis d'arruinados castellos!

III

O malvado chorou! — na vida a vez primeira! —
E, brandindo o punhal, cortou um fio d'oiro
Da ensanguentada trança — o lucido thesoiro
D'essa que, então, dormia a noite derradeira...

Chorou!... chorou, emfim! Ao ver a imagem pura,
Da pallida mulher que amara sem esp'rança,
E a quem nos braços nús levara á cova escura,
Beijando-lhe, constante, a humedecida trança:
Pôde então murmurar — pôde dizer, emfim,
Como diria Abel ao lívido Caim:

— Talvez fosses, mulher, a mãe d'esta creança!

SCIENCIA POPULAR

Muito antes do estabelecimento do christianismo, nas Gallias, já os gaulezes um dos povos de quem derivam os francezes actuaes, e então possuidores do solo, tinham a sua religião profundamente espiritualista, com ritos e crenças que mais tarde, obedecendo á lei da transformação dos mythos, foram assimilados pelos dominadores francos christianisados á pressa.

As festas do anno novo, hoje observadas com certo alvoroço sobretudo no occidente latino, provêm porventura d'um velho costume religioso dos gaulezes.

Todos os annos os habitantes d'uma mesma região se reuniam na floresta mais vizinha; porque então o vasto territorio hoje occupado pela Belgica, pela Allemanha, pela Suissa e pela França estava coberto de espessas florestas, nas quaes predominava o carvalho como verdadeiro rei dos bosques.

Um druida—que assim se chamavam os sacerdotes da religião primitiva das Gallias subia então ao mais bello carvalho da floresta, arvore consagrada a Hesno, o seu Deus mais querido. Armado d'uma fouchinha de ouro elle cortava o visco, planta parazita a que eram attribuidos poderes medicinaes, e a que, talvez por isso, eram tributados supersticiosos respeitoes.

Quatro outros druidas seguravam em baixo, pelas quatro pontas uma especie de lençol de linho, sobre o qual cahia o visco cortado da arvore, enquanto o povo dançava ao som dos seus instrumentos sonoros, gritando entusiastico: *ao visco do anno novo! ao visco! ao visco!*

Procedia-se então ao sacrificio. Pyras enormes eram levantadas para a immolação das victimas, que eram: ou animaes, ou criminosos, ou prisioneiros de guerra. Estes ultimos eram offerecidos ao Deus respectivo Thentatés.

Por vezes o fanatismo religioso, a crença na immortalidade e no direito ao suicidio como meio de ir encontrar mais depressa na *outra vida* uma nova phase de perfeição, o desejo de ir fazer companhia a um parente ou a um amigo querido, augmentavam o sacrificio com bom numero de voluntarios.

O gaulez nunca teve medo da morte, que para elles não era mais que o principio d'uma vida nova. D'ahi a sua coragem nos combates, a sua heroicidade nos supplicios, os seus combates mortaes *por amizade*, ou *por excesso de valentia*. Elle sabia que depois de morto iria continuar a viver nos mundos desconhecidos, aonde todos haviam de ir. Felizes os puros, os bons, os justos, os valentes! Mas encontrariam em cada nova existencia um progresso novo a realisar na intellectualidade e na felicidade, até se irem afinal abysmar na grande infinidade de Deus! Os maus, pelo contrario, entrariam, pela morte numa phase de regressão, da qual apenas sabiriam se por acaso nessa nova vida fizessem por resgatar as velhas faltas...

Esta crença, superior por certo á desoladora doutrina do inferno christão, revela-nos uma origem asiatica, apro-

ximando-se bastante das crenças primitivas de certos povos indianos.

Era sobretudo quando algum perigo ameaçava a patria que esses sacrificios espontaneos e heroicos, tinham lugar.

Em volta da pyra reuniam-se os druidas com as suas tunicas brancas e as suas capas azues, tangendo as suas cytharas e as suas pequenas harpas de ouro, entoando os seus canticos sagrados, que o povo todo repelia, e que a propria victima, como se a fé o tornara insensível ás dores, cantava, pairando-lhe nos labios um sorriso de intima satisfação, como se estivesse já pregnos-tando as delicias de toda essa eternidade de venturas.

Este heroismo no affrontar da morte deu depois ao christianismo o maior e o mais glorioso contingente para o seu martyrologio. E, quando o catholicismo vencedor se sentou no throno dos reis pondo a espada ao serviço da cruz, e fazendo-se por sua vez perseguidor, foi ainda esta firmeza tornada tradicional, este desprezo sereno da morte, o nervo de toda a resistencia das heresias, inutilizando todas as crueldades clericas.

HELIODORO SALGADO.



Convento de S. Marcos

De Coimbra em direcção a Fentugal segue-se até à Castanheira e Zouparria, de onde se vai ter ao mosteiro. Que afinal quando falo de mosteiro ainda é em obediência ao hábito de conviver com as coisas mortas, dando-lhes a realidade presente: é que só existe hoje verdadeiramente a igreja; e o claustro, a sala do capítulo, dormitório, refeitório, hospedaria, adegas, eirados — ou são paredes nuas e escalavradas, ou ruínas dispersas por terra e cobertas de caliças e silvedos, ou então ainda menos — alicerces adivinhados no escuro ou pedaços de mísulas, lascas de lápides tumulares, arcos góticos partidos, entablamentos soltos — uma destruidora selvageria, uma vingança do acaso, uma estúpida inercia, que fazem chorar o coração de Dôr. E' certo tambem que a igreja é a parte do mosteiro que mais interesse e recordações congregava em si.

Ha catedrais que solemnizam épocas ou feitos isolados: são como os poemas clássicos: cantam individualidades. A Batalha é a rigida epopeia de Aljubarrota, os Jerónimos a Odisseia das Descobertas, e Santa Cruz é menos ainda — uma bofetada dum rei num Papa. Cada uma celebra um herói, tem uma época, um estilo único, um cunho próprio. O templo de S. Marcos não é assim. Ali cooperaram todas as épocas, ali existem dispersos ou fundidos todos os estilos e lá tambem dormem heróis de muitos séculos, vitoriosos ou vencidos de muitas batalhas, e dos mais afortunados até aos de mais pungente destino. E' juntamente uma crónica, um Panteon e uma escola de Arte.

Não que a igreja ganhe com isso em unidade estética e seja o monumento mais apto a produzir a estesia perfeita; mas assim truncada, confusa e mutilada é mais rica de evocações, dá mais tristeza e orgulho, mais força e agonia, e das suas pedras como da lendária Rocha de Horeb corre mais viva e

perene a fonte do Sonho, se lhes tocam olhos amorosos.

Situado num alto ermo e solitário, a meio de outeiros e colinas duma profunda seriedade, dá-lhe mais profunda vida ainda o largo horizonte que o circunda — os suaves campos do Mondego, de Coimbra a Montemor, fechados além pelo baluarte vagamente crenelado das serranias. Abrindo um largo rossio que dá entrada ao mosteiro, ha um mui alto cruzeiro do XVIII século, e junto dêle erguem-se freixos, castanheiros e carvalheiros colossais, de cuja ramaria cai, mais que a sombra da folhagem, a sombra evocadora do tempo.

Dei-me tambem a averiguar-lhe a história e alcancei saber que das muitas que eram, rodeando todo o largo, restam aquelas, contando ao certo cento e vinte anos de idade. Foram plantadas as boas árvores à custa e por mão de Frei Francisco de S. Paulo, religioso do mosteiro.

¡Louvado sejas, meu piedoso Frei Francisco, a quem nós, os romeiros, que hoje visitamos o teu convento, devemos as boas vindas de sombra e paz antiga com que nos acolhem logo à entrada!

Mas junto e para lá do mosteiro, ha, sobre o *Jogo da bola*, um pequeno bosque de árvores, que devem ter mais de tres séculos de idade. Essas teem, robustissimas e altas, a ramaria musgosa e denegrada do tempo toda vergada a um lado e torcida de espiras convulsas, de tal sorte que parecem varridas por uma tempestade perene!

As fontes da cerca em minas de longos caboucos correm ainda, murmulhando frescura, entregando-se a todos os lábios, insaciavelmente dadas. Tudo à roda dilata té a funduras inacessíveis o encanto meditativo que nos prende irresistivelmente aos restos do mosteiro.

Todavia a igreja, a única parte bem conservada do mosteiro, é quebrada na sua harmonia por vários desequilíbrios de construção. Logo a fachada, XVIII século, abafa para lá da galilé, num contraste brusco, uma linda porta gótica que tem a data de 1510. Lá dentro, à direita, logo os olhos se namoram do formoso cenotáfio de Fernão Teles, cujos lavôres, bem como os vestígios da traça primitiva revelam um plano puramente gótico.

A capela mor desde os túmulos do lado esquerdo ao artesoadado da abóbada e às duas janelas laterais é toda manuelina. Por seu lado a capela lateral dos Reis Magos ou do Sacramento é Renascença e dela diz o notavel historiador de Arte, Joaquim de Vasconcelos, que é talvez a mais preciosa capela de pura Renascença de Portugal.

Seja como fôr; o que mais fundamentamente me estesia é a capela mor. Quanto à do Sacramento, se o plano geral nos emove plenamente pela harmonia e perfeição, já certas decorações próprias da Renascença — troféus de frutos e imitações de correame, que eu julgo de péssimo gosto, vêm prejudicar a beleza doutras, como sejam as esculpturas de delicadas figuras saltando dos medallhões, dos nichos, do fidalgo abrigo dos baldaquinos. Nos dez monumentos tumulares da igreja entram individualizados ou fundidos o gótico, o manuelino e o Renascença numa variedade, riqueza e complexidade admiráveis.

Aqui a riqueza prejudica a unidade, quanto mais que o edificio tal como hoje se encontra obedece à sobreposição de planos construtivos, remodelamentos, restauros, mutilações, desconchavos que seriam irrisórios, se não revelassem tristemente uma grande incultura artística geral e uma tacaña intermetência muito particular. Assim, o arco manuelino da capela mor foi destruído para dar lugar a um outro disparatado arco, que

corresponde a um alteamento da abóbada de pedra, que para esse fim igualmente destruíram. Abriram portas a esmo sem curar do logar nem do estilo. Sobre um retábulo de pedra collocaram um painel da Senhora de Lourdes; acrescentaram altares laterais de madeira e ao famoso retábulo do altar da capela mor, de pedra de Ançã, e que representa a vida e milagres de S. Jerónimo, obra do grande mestre Nicolau Chartranez, fizeram-lhe ha poucos anos restauros, e pintaram-no ainda a variegadas e horripilantes cores!

Foi a familia dos Silvas, antiquíssima em Portugal, não só a fundadora e donatária, mas a protectora do mosteiro durante séculos. Começam os Silvas a obrar primores em Terra Portuguesa desde o inicio da monarchia; e cuidadosos genealogistas levam a sua remota ascendência até Fruela II, rei de Leão.

Como quer que seja, grande parte da mais lidima nobresa de Portugal descendia dos Silvas, e delles descendem tambem algumas das casas mais illustres da Espanha, que para lá abalaram na crise do XIV século e depois no XVII século alguns ruins Silvas de bastardo ânimo — joio daninho, que a mais bela seara o pode ter. Dos Silvas descendem, eminentes em prosápias, os príncipes de Eboli e os duques de Pastrana por Diogo Gomes da Silva, filho de Gonçalo Gomes da Silva, alferes-mór do rei D. Fernando.

Mas quando o nome dos Silvas mais fulgiu por altos feitos e preclarissimas virtudes, foi nos séculos heroicos da nossa história — XIV, XV e XVI. Antes são crisálidas heroicas, que a Primavera da Raça ainda não acordara em asas; depois... depois-tudo é uma estéril, uma inglória bastardia de Almas!

De alta gerarquia desempenhavam tambem cargos supremos: eram conselheiros, validos, amigos, confidentes e embaixadores dos reis; e de pais a filhos, durante aqueles séculos, passou o cargo de Alferes-mór do Reino e de Regedor das Justicas.

Ali, nos túmulos piedosamente lavrados ou sob o pavimento da igreja, dorme, se é que não vela ainda, uma Raça de heróis e de homens justos; e por eles, por aquelas cinzas, que já o Amôr e a Fé abrasaram, vivem tambem no seu tumulto de glória, extremos, bravuras, lances fatais, gritos, agonia, orgulho e desgraça o choque das mais bravas batalhas e combates: Aljubarrota, Ceuta, Tanger, Alfarrobeira, Ouguela, Arzila e Azamôr, Alcades... a Índia, a Índia!... ah! e depois Alcácer-Quibir!

Ali tambem, durante séculos consecutivos, talvez para adoçar ou remir esse bravo tumulto, viveram tam piedosos monjes, que a crónica a cada passo conta os milagres que o Senhor Deus abria como divinas excepções em seu favôr. Nos anos da fome o trigo multiplicava-se fartamente nos celeiros; nos anos da peste nunca o negro mal lá entrava (eram castigos do Senhor que ali não tinham fronte pecadora sobre que cair); a Virgem no altar erguia a mão e abençoava a comunidade toda quando orava; e uma vez ouve, na morte de um dos santos priores do convento, em que um sino, sem que alguem o movesse, doridamente entrou a tanger e assim ficou, vertendo as suas lágrimas de som, até acabarem as exéquias!

Favores do Céu, que não são para estranhar, se bem meditarmos no que diz a crónica do santo hábito que no convento havia de collocar todos os dias sobre o altar um pano para os bons dos monges limparem as lágrimas abundantes, que durante o divino sacrificio derramavam, tanta era a devoção com que o diziam.

JAIME CORTEZÃO.